

SEMANARIO DO CINCINATO.

1837.

SABBADO 25 DE FEVEREIRO.

N.º 2

RIO DE JANEIRO, TYP. DO DIÁRIO DE N. L. VIANNA, 1837.



QUESTÃO RELIGIOSA.

Trataremos agora de uma questão summamente melindrosa, não tanto pelo que parece á primeira vista; mas pelo que realmente é, considerada em si mesma: fallamos da questão do ingresso dos 30 Novicos para o Convento Carmelita de Angra dos Reis.

Muito se tem dito, muito se tem escripto pró e contra os Estabelecimentos Monachaes. Os inimigos dos Frades ponderão que são elles Corporações Constituidas dentro dos Estados, que são Milicia Papal, e que por isso se torna perigosa sua conservação; dizem que são esteios do absolutismo, que são celibatarios ociosos, que são devassos, e corrompidos; que d'elles nenhuns bens vêm á Sociedade, e antes muitos males; que d'elles nasce o fanatismo; d'elles..... Emfim tudo tem os Frades.

A' isto se lhes tem respondido, que as Corporações Religiosas não offendem os interesses dos Estados com seus instutos, os quaes unicamente se dirigem á disciplina claustral: tem-se-lhes feito sentir que os Frades não são Milicia do Papa, e que por esse lado nenhum perigo offerecem; e ao contrario muitos bens, por serem zeladores da Religião; que si dos Claustros tem saído pregadores do direito divino dos Monarchas, e defensores do absolu-

tismo, tem n'elles igualmente apparecido, principalmente entre nós, muitos Frades zelosos dosdireitos do povo, e idolatras da liberdade.

A' pecha de celibatarios ociosos se tem respondido que no seculo vivem milhares de homens celibatarios, e ociosos: sobre serem devassos, e corrompidos, tem-se tambem respondido que entre elles não poucos homens justos brilharão, e ainda brilham. Finalmente os defensores dos Frades sustentão que no Brasil os Ordens Religiosas differem muito das da Europa; que aqui são elles mansos credores, e amigos incansaveis da pobreza; que aqui não lhes pertencem os dizimos, que nenhuma influencia exercem elles sobre o regimen do Estado; que nenhuma influencia mesmo exercem sobre a Moralidade Publica. Dizem mais, que a conservação das Corporações Religiosas utiliza muito; porque fornecem recurso de Ministros para o Culto Divino. Dizem que esbulhar os Frades dos seus bens é um attentado contra o direito de Propriedade, é uma offensa feita á Constituição, que nos rege.

Eis pouco mais, ou menos as arguições feitas aos Frades; eis a sua defeza. Nós diremos tambem qual é a nossa convicção á respeito.

Não são indispensaveis os Frades para sustentar-se a Religião, porque mui raros são os exemplos dos que entre nós exercitão as fun-

VARIEDADE.

Debaixo de um tal titulo permitta o Leitor que, não sempre, mas quando podermos, lhe apresentemos algumas curiosidades, que possam por alguma forma interessar-lhe. Hoje nós lhe offereceremos um caso, que mais de uma vez ouvimos á um velho, cuja amisade frequentavamos. Do que agora referirmos alguma utilidade poderá colher-se.

O VIL SEDUCTOR.

Nas margens do Paraguassú *, não longe de Nagé, via-se outr'ora uma pequena casa, cuberta de col-

* O Paraguassú é um rio, que descendo dos Serções, perde seu nome na Bahia de Todos os Santos. Sete leguas á cima de sua foz está situada ao lado direito a populosa Villa da Cachoeira; e ficahie do lado opposto a rica Povoação de S. Felix. O Paraguassú é navegado até aquella Villa por grandes barcos, e até por brigues. Abaixo da Cachoeira so-

mo: pendurada em estacas, fincadas ao longo do rio, via-se muitas vezes estendida uma pequena rede, que ali enxugava, finda a pescaria; e junto ao mangue estava uma canôa atada á um moirão.

Aí vivia Pedro, pobre pescador, que era nos arredores conhecido por Pedro o Camboeiro: elle tinha uma pequena cambôa, e d'aí lhe vinha o apelido. Sua mulher, um filho já rapaz, e uma filha na idade de deseseis annos, formavão sua pequena familia.

Pedro tambem lavrava um pequeno espaço de ter-

bre a margem esquerda do rio ficão as povoações de Nagé, e Coqueiro, e mais abaixo a Villa de Maragipe. É largo, e bastante aprasivel: de um e outro lado tem lindas propriedades de engenhos, e bellas fazendas: á elle pagão tributo alguns outros pequenos rios; entre os quaes o do Iguaape, que é o maior, serve de canal por onde se transporta o muito assucar do fertil reconcavo d'aquelle nome.

ções de Parochos. Os Frades dentro dos Claustros vivem para os Claustros, no seculo vivem realmente mais para o seculo, do que para a Religião; porem na apparencia convidão mais os povos para o bem, do que para o mal; e com isto a Sociedade ganha alguma coisa; porquanto, si esses homens não são justos, seus hábitos inculcão que n'elles mora um verdadeiro espirito religioso, e uma virtude san; muito embora assim não seja sempre.

Mas d'essa presumpção do vulgo, que males resultão? nenhuns. Que nos importa que uma Beata, que um velho usurario beijem um lurel? Deixemol-os beijarem até as alparcas dos missionarios: ao menos os que vêm, sentem-se, ou mais, ou menos, tocados de um sentimento religioso; porque essas mostras de respeito, dadas á esses Ministros do Altar, são uma demonstração de obediencia á Igreja, são uma prova de amor á Religião.

Os Frades, tambem diremos, não são Milicia Papal; ao menos entre nós, onde, sendo tão poucos, vivem tão ignorados de Roma. Si os Frades são devassos, e corrompidos, nos claustrros quasi sempre se encerrão esses defeitos; enquanto que vemos na Sociedade milhares de devassos, que todos os dias pervertem a mocidade. Si os Frades são celibatarios, muito bem argumentão aquelles que mostrão o incalculavel numero de celibatarios, que abundão no seculo.... Mas os Frades, ainda mesmo que o quizessem, não podião entre nós sêr columnas do absolutismo. Seu numero é tão pequeno que nenhum mal pode fazer aos negocios do Estado.

Nós dissemos que os Frades não são indispensaveis; e com isto bem se vê que não partilhámos o sentir d'aquelles que dão tanta importancia á sua conservação. Sem Frades, como hoje são, seríamos o que somos, e nenhuma quebra soffreria a san Religião; com elle tambem nada ella perde. Verdade é que al-

guma coisa lue, si os Frades fossem hoje, o que no principio forão. Ninguém mais que elles podia domesticar a fereza dos povos que habitão os nossos sertões; mas mister fôra que á isso se prestassem com o necessario zelo: isso nós reconhecemos que não fazem, pois que présão muito seu santo ocio. Esse ocio, porem, á ninguem offende; e mesmo podia-se-lhes impôr alguma condição, bem como a de pregarem á palavra santa, e pura do Evangelho aos indigenas. Elles pagão de alguma forma o ocio, em que vivem, com os beneficios que (confessemos uma verdade) á não poucos desvalidos fazem: todavia não se creia que os quizeriamos ociosos.

Si hoje se tratasse de criarem-se Conventos, nós perguntariamos: — Para que fundar casas á indolencia? Mas já se achão instituidos, já se achão dotados esses Conventos, que tão poucos são, que tão poucos habitantes tem: conservemol-os, uma vez que haja quem voluntariamente se dedique á vida monachal; deixemos que gozem do que lhes deixarão seus pios benefeitores, e somente exijamos que cumprão com as disposições, que lhes encarregarão, com os devêres, que contrairão para com a Religião.

Para que fundar casas á indolencia? — Nós dissemos que assim perguntariamos, si hoje se tratasse da criação de Conventos. Si porem nos respondessem: — Não, nós não fundamos casas á indolencia; nós construimos Estabelecimentos, que tem por fim propagar a Religião, e a Moral: os homens para quem fundamos estas Casas tem por obrigação cultivar os povos brutos de nosso interior, e imbuil-os nos principios uteis do amor do proximo. — Então, tornariamos, edificai, edificai essas Casas de Oração; dai com que esses homens se mantenham. —

Nós quizeriamos, (que vale, porem, nosso querer?) nós quizeriamos que os Frades fossem unicamente Frades, e não se intromettes-

— Por humanidade abri-nos vossa porta: não somos malfetores, que vos venhão incommodar; precisamos do vosso socorro, não nol-o negueis; sede compassivo.

Tocado de um sentimento de bondade, o velho immediatamente abre a porta. — Quem quer que sejaes entrai, já que em mim procuraes abrigo. — O velho disse, e trez homens, saudando-o, entrãrão um apoz outro.

— Sentai-vos, (acrescenta Pedro) vindes tão molhados... para onde vos dirigis com semelhante noite? — Saímos de Itaparica * ás duas horas da tarde: (respondeu d'entre elles um moço bem appessoado) iamós para a Cachocira, onde tenho negocios á tratar; não julgavamos, porém, que o rio estivesse com tão forte correnteza, e tão entumecido pelas chuvas. Pareceu-nos que o tempo não se tornaria tão

— Quem está aí?
— Somos de paz.
— Á esta hora, e com semelhante noite?!.. Quem sois vós, e o que quereis?!

* E' o inhamme chamado da costa, que dá em grande abundancia nas margens do Paraguassu, e que muito serve á pobreza d'aquelles lugares.

* Antigamente povoação, hoje villa na grande ilha do mesmo nome. A ilha de Itaparica é fronteira á cidade.

sem, sinão com os affazeres religiosos: queríamos que os Padres fossem unicamente Padres; que assim melhor seria respeitada a Religião. Dos mesmos Ministros da Igreja tem nascido a immoralidade religiosa; mas isso não seja motivo para se desprezar, para mesmo se vilipendiar a Religião.

Temos com franqueza fallado sobre a questão dos Frades: nós opinamos que é mui justa a concessão que requerem: perguntaremos, porem, si as Assembléas Provinciaes são competentes para sobre isso legislarem? Muitos dizem que sim. Mas a Assembléa Geral decretou que elles terião o uso fructo dos seus bens, em quanto existissem, (isto foi com as vistas de não entrarem novos) porem, extinctos elles, os bens serião da Nação. Ora as Assembléas Provinciaes, concedendo o ingresso de Noviços, fazem que as Ordens Religiosas se perpetuem, e d'esta arte parece ficar annullada uma disposição do Corpo Legislativo da Nação. Aqui há muitas rasões pró e contra; e nós cederemos de tal discussão.

A Bahia, e Pernambuco permittirão a admissão de novos habitantes dos seus Conventos, e tambem sobre isso nada diremos; sinão que as intenções de taes legisladores parecerão-nos guiadas por um principio de justiça. — Os bens são dos Frades, os Frades que os gozem. —

Já temos muito bem feito vêr que dos Frades males nenhuns nos podem vir. Falla-se que encobrem muitos vicios com a capa da Religião: muitas vezes assim é. No emtanto tambem não vemos nós homens santarrões, que engolem traves, e engasgão-se com mosquitos? Não os vemos jejuando, guardando os dias de preceito, ouvindo Missa, e fazendo festas aos Sanctos? Mas (não fallamos com todos) ide pedir-lhes uma esmolla para adjutorio do casamento de vossa filha; que elle vos responderá: — *Não peço tambem esmolla por não ter saeo!!!* — E dizem estes homens que são religio-

mão, nem tão medonha a noite: mas desde a barra lutão os remeiros contra as correntes; e a chuva não tem cessado um instante; o vento sopra furioso; e estamos todos traspassados de frio; estamos fatigadissimos: vós dignai-vos por esta noite recolhêr-nos.

— Ditoso me julgo eu em poder sêr-vos util; estaes em casa: aqui só vereis pobreza; mas não faltará em mim, e na minha familia boa vontade de servir-vos. — E Pedro lhes apontou um lugar onde mudassem os molhados vestidos, e dos seus forneceu trajos á dois; que o moço não necessitava, por têr vindo prevenido de sufficiente fato.

Eis já em pé toda a familia, e do seu pouco já Pedro mandára preparar a cêa para seus trez hospedes. Rosa (este era o nome da donzella) já estende alvo guardanapo sobre o estrado; e o moço hospede a vê, e amorosa cubiça lhe desce ao peito.

Prepara-se a frugal meza, e os viajantes encetão os pratos; mas Antonio quasi nada comia, Antonio

so, quando sem caridade não há virtude, sem virtude não ha religião!

Tambem muitas velhas valem-se da confiança que em sua idade depositão paes incautos, e corrompem as donzellas, com quem tratão. E devemos porisso odiar á todos quantos parecem beatos? devemos porisso odiar a todas as velhas? Não: e o mesmo diremos á respeito de muitos outros casos identicos. Assim tambem, porque há Frades máos, não devemos aborrecer a todos: mal iria o mundo si tal doutrina fosse adoptada.

Si fôramos legislador, votariamos á favôr da conservação dos Conventos, comtanto que desempenhassem elles taes e taes devêres. Sim, dos Frades grandes fructos poderião vir á Sociedade. Assim o pensamos; assim o enunciamos.

Uns nos chamarão fanatico, porque dissemos que apoiariamos os Frades, si fôssemos legislador: outros nos taxarão de irreligioso; porque avançamos que os Frades não são indispensaveis. Aos primeiros responderemos que nós, conhecendo o poder da Religião sobre as consciencias, a consideramos o mais forte incentivo para o bem, e que exigimos dos Frades não ocio, mas trabalho; — *devem elles cultivar a vinha do Senhor*. Aos segundos diremos que, encarando os Frades no estado em que se achão, não é uma blasfemia enunciar que deixão elles de sêrem indispensaveis. Podiamos ainda alguma coisa dizer á respeito: mas tememos errar. Si o que emittimos não é rasoavel; pedimos que nos illuminem melhor.

A PENA DE MORTE: — O PADECENTE. —

Quando um membro apodrece, corta-se, para que o contagio se não communique á todo o corpo. Um homem que á sangue frio arranca a existencia á seu semelhante; um homem que mancha cada um dia da sua vida com novos crimes; um homem que continuamente insulta,

não arredava os olhos de Rosa, que, sem o menor alinho, toda ella honestidade, e innocencia, lhe estava de minuto em minuto cravando no peito com suas naturaes graças, com seus brilhantes olhos, o ervado punhal do amor: ah! esse amor não era puro; Antonio tinha pouco de moral.

No emtanto Pedro e sua mulher tinham, como lhes fôra melhor possível, preparado camas para seus hospedes: já suas molhadas roupas enxugavão em uma corda ao calor do fogo; e José (assim se chamava o irmão de Rosa) José lhes levava agua aos pés.

Raiou o dia: Antonio, e seus companheiros, agradecendo ao virtuoso Pedro o agasalho, despedirão-se da familia entre demonstrações de reconhecimento; e n'esta despedida um olhar libidinoso de Antonio ferio os olhos da innocente Rosa. — Perverso! com esse olhar já tu eras um ingrato, já manchavas as sagradas leis da hospitalidade.

No fim de um mez apparece outra vez Antonio: nem Pedro, nem seu filho estavam em casa; Rosa,

e calca os mais respeitáveis deveres sociais; este homem é um membro pôdre da Sociedade, este homem deve morrer.

Não é este o sentir de Beccaria, e de outros illustres Escriptores, que muito respeitamos: não vião elles nos homens direito algum de matarem os homens; e porisso aconselharão que se prescrevesse a pena de morte. Seja, porem, permitido a um escriptor humilde formar tambem alguns raciocinios sobre tão importante assumpto.

Quem deu direito ao homem de matar o homem?.. — Perguntamos tambem nós com o illustre Beccaria — Deus não foi; que Elle, Pae Universal dos homens, unicamente quer a felicidade dos seus filhos. Deus, criando o Universo não podia sêr dominado pelo erro, pois que é Imenso, é Todo Poderoso, é Omnis-sciente.

Deus formou o homem, e lhe deixou o bem, e o mal; e n'isto mesmo se conhece a Grandeza do Sêr SUPREMO. Deus não quiz que o homem seguisse *por força* o bem: mostrando-lhe os beneficios de um, e os prejuizos de outro, quiz que as acções do homem fossem guiadas pela razão; quiz que o homem fosse livre; porque na liberdade da sua escolha entre o bem, e o mal estava encerrada a Grandeza do mesmo Deus.

A razão, a qual tinha de servir de farol ao homem no caminho da vida, foi dotada de toda a capacidade necessaria para poder obrar: esta razão devia imperar pura sobre o homem. Quiz Deus que o homem conhecesse * o mal para que soubesse dar valôr ao bem: resultando maior gloria ao mesmo Deus, e maior felicidade ao homem na preferencia dada á este sobre aquelle. Só apreciamos a utilidade de uma coisa indispensavel á vida, tendo um perfeito conhecimento do prejuizo que sua falta nos causa.

Deus disse ao homem: — Vós tendes o bem,

* Dizemos, — *conhecesse*, e não — *obrasse*. Deus mostrou o mal ao homem, para que o fugisse.

e sua mãe, sós, o receberam. O moço trouxera alguns presentes á familia; e as duas o agasalhãrão com puro affago. Desde então começou Rosa a sêr combatida pelos excessos amorosos de Antonio, que desde então sob diversos pretextos procurou vê-la amiudadas vezes.

Emfim Antonio era moço, e gentil; e seu amor triunfou da innocencia. Na sua ultima visita, Rosa, vencida pelos seus protestos, se lhe entregou, e o moço roubou-a aos carinhos paternaes! Ah! que não posso eu descrever a consternação dos velhos paes, e o furor do irmão!!... Embalde procurarão elles o roubador, e a victima: perdidos esforços!!!....

Um anno decorreu, e nenhuma noticia houve de Antonio, e de Rosa: os ternos paes choravão amargamente a perda da querida filha: José desesperava por não poder tomar vingança do indigno Antonio. Eis que um dia uma carta veio tẽr ás mãos de Pedro: a carta era de Rosa: ei-la.

« Meus queridos paes: si ainda algum amor vos

e tendes o mal: o bem vos trará venturas, o mal vos trará desgraças —. E o homem foi instruido do que era ventura e desgraça. Perguntar-nos-hão: — A quem foi que Deus tal disse? Foi ao primeiro homem?.. Porque não o disse, porque não o diz a todos os homens? — Responderemos: — Deus o disse ao primeiro homem, para que o ensinasse a seus filhos: e, ainda não satisfeito, Deus o repetiu sempre, pelo intermedio da razão, á cada um homem, logo que entra no mundo.

Bem vemos que muitos não approvãrão quanto dizemos. Os que negão a existencia d'alma chamar-nos-hão, talvez, até um impostor; mas que temos nós com elles, uma vez que mais servem ás paixões, do que á razão? Sejam elles materiaes; que nós reconheceremos sempre um Sêr Supremo.

Os principios que acabamos de estabelecer tem por fim mostrar que Deus não pôde jamais tẽr querido que os homens fossem máos; e porisso Deus não disse que os homens matassem os homens: mas quiz (nem podia o contrario querer, sem deixar de sêr Justo) quiz que o bem fosse recompensado com o bem, e o mal castigado com o mal.

Os homens devião, e devem amar-se reciprocamente. Postergado este mutuo amor que os homens se devem, postergou-se um principio, sem o qual não podem existir os homens, e os homens são os que formão a Sociedade.

Nenhum direito tem o homem de roubar a vida á outro homem: no emtanto nós vemos que o homem assassina a seu semelhante!! Pois vós arrogaes-vos um direito que o não tendes?!! Vosso acto criminoso vos constituiu réo para com a Sociedade, contra cuja segurança attentaste: a Sociedade reclama vossa punição, assim de conterem-se com exemplar castigo os que poderiam imitar-vos. Morrei.

Dizem que a pena de morte não refreia as paixões dos malvados; porque o tormento de

« merece uma filha ingrata, compadecei-vos de sua
« má estrella. Eu fui vilmente seduzida por aquelle
« mesmo homem, que vós tão cordealmente rece-
« bestes em vossa casa. Inexperiente joven, fiei-me
« no seu fementido coração; mas o cruel, depois
« de assassinar minha honra, depois de manchar
« torpemente vossas cans, e amargurar vossos dias,
« entregou-me á penuria, e ao abandono. Meus ter-
« nos paes, condoei-vos do desamparo em que se
« acha vossa desgraçada filha — Rosa.

Que pesada foi a dôr que invadiu os corações dos dois velhos!.... Que frenesi si apossou de José, que era tão extremoso por sua irmã!... — Vamos, meu pae, disse elle, vamos socorrer Rosa, e vingar no sangue do malvado a injuria recebida., e..... — Calai-vos, José; não enveneneis mais minha triste existencia. — E os velhos choravão, e os velhos arrancavão profundos suspiros.

No dia seguinte já o pae, e o filho, embarcados, navegavão para a cidade: elles encontrãrão Rosa em

morte só dura um instante. Esta proposição parece-nos um pouco absurda. Arguintai a um criminoso o que quer, — a morte, ou prisão perpetua —? E responderdes que a ultima. Apontar-nos-hão algum exemplo do contrario; mas isso que tem com a impropriedade da pena, para refrear o crime?

Quando o malvado chega a dizer que prefere a morte, é justo que morra por duas razões: a 1.ª porque deve sêr punido; a 2.ª porque é de necessidade obstal-o a que sacrifique mais alguma victima. Uma prova de que a prisão, e o trabalho nem sempre amoldão a ferocidade do assassino é, que mesmo nas cadeas nós os temos visto amontoando crimes sobre crimes; nas cadeas, e accorrentados assim mesmo "assassinão."

Demais, pôde muito bem sêr, (e d'isto ha bastantes exemplos) que o malvado se escape dos ferros, e então torna elle á sua passada vida; então é elle ainda mais feroz. O que nós dizemos é fundado no que já vimos.

Aquelle homem que no furor da paixão commetteu um assassinato, si antes sua vida não era criminavel, este homem não é réo de um crime horroroso, não é merecedor da morte; deve sêr punido com outras penas. Mas aquelle que, premeditando assassinar á outro, seguiu-lhe os passos, e porfim cravou-lhe o punhal, este monstro de humana especie deve morrer.

Digão-nos: — Que castigo merece aquelle que mata outro por dinheiro recebido? Só a morte. O homem que fez do roubo, e do assassinio um meio de vida, só não roubará, só não matará, quando não poder.

Trez vezes um malvado matador foi prêso, e lançado em ferros; trez vezes se evadiu, e sempre augmentando o numero dos seus crimes. Já contava dezoito mortes, (e as tinha marcadas no coice do bocamarte) quando foi ultimamente prêso: felizmente este homem pouco depois succumbio á peste de bexigas.

uma habitação miseravel, tendo por companhia uma velha preta, que, compadecida de suas lagrimas, a recebera em sua companhia. Rosa é reconduzida ao lar paterno; pouco depois deu á luz o fructo de seu infortunado amor; mas Rosa, apesar dos paternaes disvellos, logo depois succumbiu á melancolia, que a devorava.

* José, firme no seu proposito, não cessou suas pesquisas á respeito de Antonio: por fim pôde têr d'elle noticias certas; o Antonio á custa de sua vida pagou a offensa feita á innocencia.

Tes fôrao os resultados de um erro, perverso no seu começo, funesto no seu fim. Um erro acarreta sempre apôz si muitos erros. José, perseguido pelo assassinio, que, allucinado, commettera, foi lançado em prisões, de que pôde finalmente vêr-se livre, depois de mui graves padecimentos.

Reflexões. Impudico Antonio de quantos males não foste origem! Tu semeaste os maiores pesares em uma familia que vivia pacifica! Tu sacrificaste a es-

Si, quando esta fôra foi encarcerada a primeira vez, tivesse ido ao patibulo, vivião aquelles, que depois expirarão ás suas mãos. Trez quentes exemplos corroborão o que dizemos: e força é reconhecer que convém matar um homem, quando este homem, vivendo, pode matar á muitos: a Sociedade tem direito sobre a vida de um tal homem.

Foi a execução que ultimamente teve lugar, que nos suggeriu estas reflexões. Se com effeito as promessas, como costumamos, contra a vida de quem se morresse.

Agora mesmo, quando ha ameaça de que aconteça no futuro, não se sabe. Na di era o réo, e o Promotor lhe fez a accusação, de outro mesmo de que os jurados attente contra a vida de quem se morresse! Um ente tão perigoso não serve de peso á Sociedade?

Portanto a pena de morte não é somente necessaria, quando o individuo, ou individuos põem em perigo immediato a segurança do Estado; a pena de morte tambem é util, e justa, quando applicada á um assassino de profissão, ao perpetrador de hum crime horroroso: a pena de morte convém, quando o réo por suas acções perde os direitos que possuia. Assim a Sociedade muito lucrou com a morte do réo, que foi ao patibulo. Uma vez que tinha perpetrado tão tristes actos, morresse. Não somos sanguinario; mas convém proteger a segurança publica, e exemplificar o crime.

UMA EXPLICAÇÃO.

Muito sentimos que tivessemos incorrido no desagrado dos nossos Collegas do *Chronista* por causa do nosso artigo no *Diario* de 15 do presente mez. Sem duvida esse artigo saia alguma coisa duro; e, depois de o termos publicado, tivemos algum pesar; porque não gostamos de offender o melindre de homem de familia,

e pureza de uma donzella! Tu cravaste o punhal no seio d'aquelles, que te derão os mais vivos signacs de sua candura! Tu á ti mesmo promoveste a morte! E, por fim, tu só foste a causa dos ternos desgostos de paes amantes.

Oh! si as donzellas aprendessem n'este exemplo á não se deixarem vencer por seus falsos adoradores, muito lucrarião ellas, muito lucraria a Sociedade inteira. O mundo está cheio de seductores da innocencia: há muitos *Antônios*, que só quoram corromper, e saciar-se, com quebra da honra das miserias donzellas, que lhes dão credito. Moças, não vos deixeis trair por vossos corações, não sejaes facilis em illudir-vos para não sêrdes desgraçadas, para não causardes pesares ás vossas familias.

E vós, inconsiderados moços, não abuseis da fragilidade da donzella: Ponderai que um dia sereis pais de fillos; e que vos daria ver vossa filha, e abandonada,